

Casa do Ardina
C.M. B. L. GLÓRIA, 39



Galileu



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Casa do Galileu do Porto
PACO DE SOUSA

Director, Editor e Proprietário
PADRE AMÉRICO

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. da Casa Nun'Alvares
R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

TINTAS FORTES

◆ A nossa Capela ◆

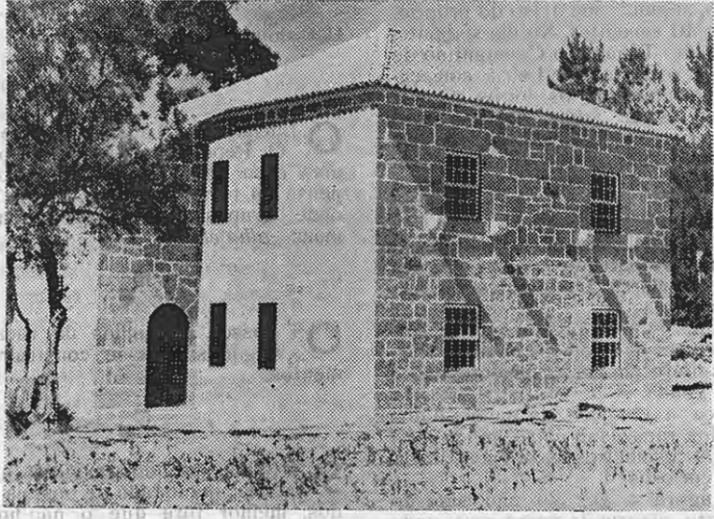
O rosto desta casa portuguesa e de outras que já se levantam dentro da nossa granja, reclamam naturalmente vida e costumes à moda de Portugal. Os cachorros das janelas, pedem vasos de flores. A entrada, alpendres de verdura. Os beirais, ninhos de andorinha!

Estamos a entrar no tempo das colheitas, tendo já malhado e limpadado o nosso pão de prágana. Os mais pequenos da casa vão agora por cestos de espigas de milho e feixes de rama de feijões que outros maiores colocam na orla dos campos. No antigo celeiro dos frades, estão batatas às toneladas e maçãs para as merendas de inverno. Se não podemos fazer conservas de compotas nem marmelada, guardamos e servimos consoante as nossas forças. Os Rapazes, alegres e felizes como as abelhas, deleitam-se na recolha de coisas que jámais viram, sabendo que delas tiram o seu alimento; é a vida de braço dado com a vida.

Cachos pendentes de extensas ramadas, trazem a população em alvorôço permanente e os pedidos instantes são de cada minuto: *um cachinho!*

Já se marcou o sítio para a sementeira do linho. Os nossos Galiatos não-de vêr tapetes azuis de linho em flor. Não-de arrigá-lo por suas próprias mãos. Ripar a baganha, metê-lo no rio, estendê-lo nos montes, levá-lo ao engenho. Não-de vêr a espadela, o cedeiro, a roca, o tear. Havemos de levantar o linho caseiro às alturas de onde o deixaram cair; reparar o o ultraje; ensinar o povo a encontrar o fio das meadas, regressar às tradições, ser português dentro de Portugal.

Por uma falsa noção de economia doméstica, a gente das nossas aldeias teve a rara habilidade de enriquecer as indústrias dos tecidos de algodão e ficar vestida de farrapos, na maior das misérias! Trocou o bragal de cor imaculada pela miragem das anilinas. Preferiu a *auguinha de cheiro* ao perfume da alfazema. Cortou a roda às saias. Já se não diz com verdade que



Casas portuguesas, para servir uma obra portuguesa, em terras de Portugal.

meia moça está na caixa. Pois que teem elas nas caixas, senão farrapos de andar! Oh gente desgraçada que vais assim no turbilhão!

Nós outros olhamos para a cultura do linho na nossa quinta como um factor de economia rial e documento de tradição. Não é seguramente tarefa de um ano, mas dentro de meia dúzia dêles, trazemos os habitantes da nossa *aldeia* de camisas de estôpa e calças do mesmo tecido. Casacos e blusas que são hoje a *grande moda* de verão, serão a moda grande de todo o ano, por amor à nossa pobreza. Lençóis de cama, toalhas de mesa, panos de cozinha. Ano a ano, havemos de povoar as arcas, vestirmo-nos com roupas de durar, acumular verdadeiras riquezas.

Quem sabe se desta sorte, não vamos fazer na região escola normal?! Acordar o povo. Libertá-lo da miséria. Bastar-se. Levá-lo aos usos da serguilha. Fazer indústria caseira—quem sabe? As grandes indústrias, num povo sem preparação moral, deslocam o fiel das balanças e erguem os pratos vasilhas, que são justamente êsses milhões de braços a clamar aos céus.

Quando as estradas se ligarem umas às outras, temos o fim do mundo—dito dos vêlhos. Ele há muita filosofia nesta hipóbole. Os agentes novos que veem pelas estradas fora, deviam encontrar reagentes. O Bem vence sempre e vence tudo. Na tentação do deserto, foi Jesus quem venceu as três arremetidas do Mal. O pior é que não tenho visto por estas terras reagentes.

Entrou a dissolução na lareira e está tudo dito. Não aparece, ou aparece muito pouco, a força moral do *não posso*. Do *não devo*. Do *não quero*.

Senhores leitores dêste jornaleco; não são de dizer a ninguém as amarguras de quem o escreve. Não são, não senhor. Quando me lembro que dentro de dois anos tenho dezenas de moços para lançar num mundo, onde as estradas chegaram antes de se aprender a andar nelas; quando penso em tal, meus senhores e meus amigos, só me resta o apêlo do Pescador da Galileia:

«—Senhor, para onde devemos de ir, se somente tu tens palavras de vida eterna!».

As paredes já emergem do solo. Artistas queimados do tempo, empoleirados nas pranchas, assentam pedras a cantar:—«anda lindinha, anda!»

As melhores árvores das redondezas foram chamadas à serra. Homens afeitos à arte, polvilhados de serrim, armam estaleiros, contentes. A serra dêles, macia, abre os madeiros sem dor; não é a estridência da fábrica. Vamos plantar a Cruz.

«Aprove a Deus salvar os homens, pela estulticia da Cruz.»

Tens páginas brancas diante de ti, onde podes escrever as ofertas: Paramentos, roupas de linho, ornamentos de altar, ouro para o nosso cálice.

Tive na minha mão um tão formoso, que serviu agora na Catedral de Lourenço Marques!

Sim; tive. Quem me diria naquele tempo, que eu havia de chegar a ter necessidade dêle?! Ando por êsse mundo sem norte nem programa, vivendo das tribulações de cada dia, sem se me dar do que hei-de comer nem do que hei-de vestir,—para que o nosso Bom Deus faça tudo e eu nada.

ASSINATURAS PAGAS

Precisamente na hora em que o jornal está sendo dado há estampa, à setecentos assinantes, de quem eu gostaria de ouvir uma palavrinha, a bem de um Portugal melhor.

- Elisa de Alpuim de Lisboa, 20\$; Amadeu Rezende Gomes de Almeida do Estoril, 50\$; Dr. Oscar Faulha de Castendo, 25\$; Maria dos Anjos Almeida Couto do Pôrto, 20\$; P.º Domingos Moreira das Caldas da Saúde, 25\$; Alvaro Velloso de Figueiredo de Castelo de Maia, 100\$; Luiz Ferreira Pinto Bastos da Obidos, 50\$; Dr. Francisco da Silva Pinto de Braga, 50\$; Arminda Costa de S. João da Madeira, por uma coleção, 20\$; Palmira Guimarães da Foz, 20\$; Dr. Abílio Tavares de Mação, 30\$; Laurinda Amélia da Aldeia do Bispo, 20\$; António do Couto e Silva da Mata Mourisca, 20\$; Aurora Alves Gil de Tábua, 20\$; Dr. Alberto Costa de Coimbra, 20\$; Maria da Piedade Andrade Freire Monteiro de Portimão 20\$; Maria Luiza Babia Guimarães de Castelo da Maia 20\$; Inácia Teles Madeira Diniz de Lagares da Beira, 20\$; Maria Manuela Costa C. e Sá de Coimbra, 20\$; Dr. António Villa—Lobos de Seixal 50\$; Maria Isabel Correia da Silva de Leiria, 20\$; José Dias de Almeida de Paredes, 20\$; Germano Garcia Rodrigues Moreira de Paredes, 25\$; Eng.º António Pacheco de Almeida do Pôrto, 40\$; Adélia Vieira Rosa de Coimbra 20\$; Herculano de Carvalho de Lisboa, 50\$; Maria Apolónia da Cruz Dias Neves de Tortozendo, 50\$; Lúcia Azeredo Antas do Pôrto 25\$, Dr. José Luiz Afonso do Pôrto, 25\$; Manuel Guimarães Ribeiro do Pôrto 50\$; Rita de Vasconcelos Van Zeller de Gaia, 40\$; P.º Joaquim Correia Pároco de Moura, 20\$; Rosa de Carvalho Pereira das Caldas de Felgueiras por 5 números, 55\$; Dr. Miguel Pupo Correia de Penela, 30\$; Cristovão Santos de Coimbra, por um mês 5\$; António Manuel Pires de Azinhoso, 40\$; José Maria Pimentel de Macedo do Pêso 36\$; Maria do Espírito Santo Martins de Macedo do Pêso, 86\$; Maria Teresa de Aviles de Lisboa, 100\$; Marietta de Castel-Branco Ramos de Lagoa 11\$; Vasco Camilo Martins de Loulé, 20\$; Flora Matos de S. Braz de Alportel, 10\$; José Maria Fernandes Coelho de S. Braz de Alportel 20\$; Isabel Maria Madeira de Olhão, 15\$; Ana Maria Proença de S. Braz de Alportel 5\$; uma assinante de S. Braz de Alportel, 10\$; Amélia Rezende de Sinfães, 36\$; António Costa de Covelas, 50\$; um assinante do Pôrto 5\$; Maria Amália Nápoles de Alpedrinha, 20\$; Mário Jorge Elder Sá Chaves de Lisboa 50\$; Dr. Alvaro Malafaia da Figueira da Foz, 25\$; Maria Isabel Trigueiros do Fundão, 20\$; S. V. T. de Lisboa, 25\$; Dr. Paulo Merea de Coimbra, 100\$; Lucinda Emília Teixeira Coelho da Silva Cálidas de Lamego, 50\$; Maria Fernanda A. Santos de Tomar, 12\$; Maria Fernanda S. Fernandes de V. N. de Gaia, 20\$; Maria Emília Alves de Lisboa, 50\$; José Gomes do Pôrto, 20\$; António Lopes de Chaves 50\$; José de Almeida Sobral de V. N. de Gaia 50\$; Joaquim de Sousa de Lisboa, 50\$; Miguel José Fernandes do Pôrto, 50\$; A. Vieira Ramos do Pôrto 50\$; Manuel Carlos Lopes Martins do Pôrto, 50\$; Céu Frias de Abreu e Silva do Pôrto, 50\$; Francisco Ribeiro da Fonsêca de Cantanhede, 20\$; Zulmira Neto de Cantanhede, 20\$; Maria da Conceição e Maria de Fátima Antunes Leal de Oliveira de Coimbra, 25\$; Angelina Carvalho da Foz, 25\$; Rosa Alves Velho de Coimbra 25\$; um Américo 100\$; Aurea Harry Leite da Ribeira de Pena, 20\$; Vitorino Harry Leite, Manuel Gonçalves Ribeiro, Marcelino Barbosa, Ana Ermelinda da Costa, Manuel António Noronha, Maria Gonçalves, Maria Cândida de Carvalho, José Augusto Dias, Elvira Penha de Abreu todos de Ribeira de Pena e pagaram 20\$ cada; Laura Castanheira de Figueiredo de Tábua, 25\$; Luiz Eiras de Azevedo de Esposende, 25\$; Natalina Garcia de Mascarenhas A. Lima de Esposende, 20\$; Dr. Alvaro do Vale Couto de Esposende, 25\$; Jaime de Matos Costa de Paredes, 20\$; José Vicente da Silva de Baltar, 40\$; Manuel Vieira Monteiro do Pôrto, 5\$; Caetano Teixeira Marques Rodrigues de Leça da Palmeira, 30\$; Capitão Francisco Cardoso Salgado de Lisboa, 30\$; Menina Etla Ratzam de Lisboa, 30\$; Adolfo José da Fonsêca do Pôrto 50\$; Claudio de Sousa Rebordão de Tortozendo, 30\$; Ernesto Lamy de Lisboa, 30\$; Alberto Trindade de Castelo Branco, 30\$; Alvaro Barbosa Pereira de Parada, 80\$.

ESTE NÚMERO DE O GAIATO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

AS nossas merendas são feitas agora de melancias e de melões. Temos carros de uma coisa e outra. Os cachos suspensos das parreiras, são a tentação do dia. O Sergio, dá-me um cachito, é a súplica de toda a hora e instante.

ACABAMOS de semear o nosso nabal. E' uma area extensa, para termos fatura. Sergio, Pepe e Zé Maria de Cinfães, lavraram a geira—e hão-de comer nabos.

VOCÊS QUE FAZEM LÁ? Assim costumam inquirir as gentes que compram o jornal, aos pequeninos vendedores. A pergunta é um bocadinho razoavel, porquanto é costume fazerem

Noticias

pouco ou quasi nada, os incolos das Casas de assistência infantil. Em regra, são os creados que trabalham. Aqui não. Cada um dêles tem sua obrigação definida e todos conjuntamente arrumam a casa, cultivam 16 hectares, frequentam a escola e se ainda não pisam oficinas, é unicamente por via da tua indecisão.

QUERES ouvir o nosso jantar de ontem? Como temos muita abundancia de tomates, fizemos assim: O Sergio coseu de vespera uma fornada de pão de trigo. Trigo nosso, cultivado pela malta, com semente que um alentejano nos deu o ano passado e este ano vai no mesmo, segundo um aviso do próprio. Colhemos 10 sementes. No dia seguinte, o Carlos de Tabua e o Constantino de Coimbra e o Bartolo de Leiria, começaram por esquarterar os loiros pães e fazer castelos de fatias, sobre a mesa principal. Estão rimas de cebolas da nossa horta. Estão alhos da nossa colheita. Tomates vermelhos e carnudos, cogulam cestos de vime, que o Pepe mai-lo Alfredo acabam de colher.

Sobe a panela à superficie do nosso fogão. Entram montes de cebolas e dentes de alho na marca. Os tomates vão aos punhados.

Não falta o azeite precioso de preciosas colheitas, que homens bons de Portugal nos oferecem amorosamente; não é azeite da venda.

Começa a ebulição da panela e dos nervos dos rapazes: *ó coiso, ainda falta muito?* Os cosinheiros sacodem os intrusos e os curiosos.

Veio agora a vez do pão, suor do nosso rosto, alegria da nossa casa, onde os Grémios não riscam, nem o Racionamento impõe.

E' meio dia pela velha; o nosso relógio é o sol. O Bartolo vai tocar. Dentro, no antigo refeitório dos frades, pequeninos refeiteiros dão as derradeiras palhetadas.

O Carlos, que é o chefe responsavel, temperou, mexeu e vai agora lançar na panela o melhor da festa: sessenta ovos escalfam devagarinho, enquanto os ser-

Diversas

ventes colocam as terrinas sobre a mesa, prontas a receber o delicioso manjar. Na mesa surgem os inevitaveis sarilhos. As disputas são ondas do cabo das tormentas: *—olha que esse ovo é meu.* E' a maré dos mais PASMADOS aguçarem os sentidos—e aguçam!

Tem seus inconvenientes, isto de ser tudo gente miuda, nos trabalhos da nossa casa.

A's vezes, topo um dos cozinheiros a caminho dos campos.

—Onde vais tu?

—Vou chamar o Sergio para nos ajudar a descer a panela!

Outras vezes ralho por não tocarem a horas para o jantar.

—Não aparece ninguém na cozinha para ajudar a panela!

○ Zé Eduardo entra-me agora mesmo pelo quarto dentro com o correio.

—Guarde-me os selos.
—Para que os queres?
—Para as Missões.
Ontem farrapos das ruas; hoje missionários.
Custa tão pouco fazer amigos!

O nosso Ernesto, o salvado do Augusto, é agora *aito* dos mais pequeninos. Lava todas as noites numa grande banheira de zinco, apaparica e deita na cama, o Manuel de Anadia, o Toneco de Penafiel, o Arlindo do Pôrto e o Fernando de S. João da Madeira.
O Tiro-liro lava o «Bucha».

TIVEMOS um grande alevante na nossa Comunidade.

Nunca tal sucedeu. Foi o caso que estavam todos à mesa, quando Júlio e *Tripeiro* começaram a jogar as cristas, em plena refeição. Puzeram-se de pé sobre os bancos e depois desceram à arena e prosseguiram no combate, e o primeiro fez uma grande batata na cara do segundo, e logo veio a bonança, como é uso nas tempestades.

Ora o Júlio é mais velho e mais forte do que o *Tripeiro* e aqui é que ele meteu água. Foi um nadinha injusto. Espero que o Júlio se arrependa do acto e que nunca mais use a força contra a fraquesa.

Sergio foi a Penafiel, à feira de S. Bartolomeu, comprar uma vaca.

○ Luciano tem 4 pombas que lhe deram. O Pepe achou uma. O Antonio fez uma casa com cinco janelas, agora suspensa do telhado. Enquanto dura a novidade, grupos de pequeninos param e pasmam:—*olha elas!*

OS nossos pintainhos de raça estão vingados. Vão-se construir alojamentos.

SENHORA que nos mandou uma tremenda quantidade de postais ilustrados; melhor fôra que o não houvesse feito! Os ais sucedem-se.

—Olha, vem lá a minha terra!
A algararra é simplesmente de a gente desertar.

DEPOIS daquêle levante entre Júlio e *Tripeiro*, à mesa do Refeitório, como em este lugar se relata, já houve ameaças de novo episódio, no mesmo sitio e

à mesma hora entre o «Parolo» e o «Compadre-Chegadinho».

Aquêle estava já de pé sobre o banco, pronto a descarregar, quando lhe gritaram que não. Foi-lhes então dito pelo chefe, mui severamente, que o nosso refeitório não é lugar de sarilhos.

E não!

CHEGOU um da Murtosa. Anda na Casa dos 9. Traz um vocabulário completo e perfeito. A malta subleva-se, escandalizada. Foi necessário dar o recado à noite, em comunidade, e botar água na fervura. Muitas vezes sucede assim.

—Olhem que o recém-chegado não tem culpas, nem é por mal que diz tais palavras.

—Culpa tens tu, se ouves e dizes com êle.

COMO EU VIM TER A' CASA do GAIATO

Eu nas ruas do Pôrto andava no desdém sem ter ninguém que me deitasse a mão. Estive num colégio em Campanhã do Seminário dos Meninos Desamparados lá só se aprende a ler, fiz o 2.º grau escolar depois recolhi a casa do meu pai êle era pobre o trabalho dêle era jardineiro mais tarde morreu num desastre, andava a esgalhar um eucalipto e caiu abaixo e ficou sem fala foi para o hospital de St.º António, poucas horas esteve vivo.

Foi para Rio de Moinhos para uma tia que tinha lá era muito pobre tem cinco filhos para os sustentar vai aos molhos de lenha e vendia. Eu não tinha onde lá ficar uma Senhora que teve dor do coração abrigou-me estive lá uns meses passando fome muitos dias comi em casa do Sr. Padre José de Rio de Moinhos mais tarde estava eu a passar fome disse-ram-me que havia aqui uma casa de caridade. Um dia a senhora onde eu estava ausentou-se e disse que eu fôsse arranjar para onde ir. Segui o meu caminho para Paço-de-Sousa cheguei lá toquei a campainha veio o porteiro disse para ir dizer ao Sr. Padre Américo se me deixava cá ficar, o porteiro depois chamou-me e disse-me que me dava de comer e que não me deixava cá ficar e eu cheio de pena a chorar por não lá ficar, o porteiro foi para cima e daqui a poucos minutos veio o Sr. P.º Américos e alguma companhia mandou-me entrar e disse que me deixava lá ficar uma noite porque não tinha lugar, estava à beira do bando todos a perguntar donde era e se vinha para cá não sabia a resposta. Chegou a hora da merenda e eu marenei com êles passados poucos minutos o Sr. P.º Américo começou-me a interrogar e teve dor de mim cheio de pena e disse ficas cá há-de ser o que Deus quiser.

Eu todo contente cheio de alegria assino.

Deus faça bem a quem bem faz

MANUEL AUGUSTO PINTO

Estavam cá visitas quando o Manuel apareceu, a falar com o Tiro-liro. Pois choraram de comoção, à vista do interesse de todos: —*Deixe entrar!*

PERDIDO

De novo me apresento aos assinantes de Baltar, a ver se me dão luzes do Daniel, de quem já *O Gaiato* se ocupou.

O pequeno vagabundo apresenta uns 10 anos, diz chamar-se Daniel, ser filho de um tal José pintor, e de Alice e que morava em Baltar. Ele não haverá quem me ajude a identificar esta criança da porta? Baltar confina com Paço-de-Sousa!

Basta os que nos chegam de longe e até de fora da Pátria!

Senhor Abade de Baltar, meu bom colega e amigo, dê um aviso à estação da missa. E' o Daniel E' o que dormia nos palheiros.

Do do Ca de Am não O Jo desolado quatro l gôto tr doença i Fazit mais pe tô ia a p Nas prato, Era Lisboa, e trouxe Que pados. O Jo verência do anim saúde ção. T o signi da R-d A p os anit recomp onde 39 com teria cr do Josi aos ten No —A co DO GA da te estaçã repeti critos Porto, e de a as col tas m Tan vezes Paços-tras t Um —Souz por de Qua pagam coisas senhor —de-So E' nec as ma

Do que se diz e
do que se faz na

Casa do Gaiato de COIMBRA

*Amarguras que
não esquecem*

O José Carlos de Montemor está desolado, e, com ele, t^oja a Casa. Os quatro lindos porcos que elle, com tanto g^osto tratava, sucumbiram todos a uma doença inclemente.

Fazia g^osto vê-lo acompanhado do mais pequenito d^eles, que o seguia para t^oja a parte, quando tinha fome.



Nas nossas Casas, comem do mesmo
prato, cão, gato e rato... e porcos!

Era um leitão, que duas raparigas de Lisboa, compraram no 23, em Coimbra, e trouxeram numa caixita, para aqui.

Que pena! Nem os pobres são poupados.

O José Carlos, inconsciente da irreverência que cometa, colocou, na cova do animal, uma cruz de cana. Eram as saudades que o levaram àquela profanação. T^ovamos de chamá-lo e explicar-lhe o significado da cruz—A^orv^ore bendita da R^odenção, sinal sagrado do cristão.

A peste continua a grassar entre os animais desta região. Não podemos recompor a corte. Se lá para o Alentejo, onde o José Carlos é natural, alguém se compadecesse do seu compatriota, bem faria criando um leitão bonito para enviar em tempo oportuno. Então a amargura do José Carlos sentiria alívio, e voltaria aos tempos de tratador.

Novo recado

A correspondência dirigida à CASA DO GAIATO, ba^ota que traga o nome da terra Paço-de-Sousa. E' uma estação postal. Outras terras que repetidas vezes aparecem nos sobrescritos tais como Cete, Penafiel, Douro, Porto,—tudo isto serve de confusão e de atraso. Tal o horror que temos às coisas simples, que até nas cartas misturamos alhos com bugalhos.

Também não vale pôr, como às vezes acontece, Paços-de-Brandão, Paços-de-Ferreira, Valongo. São outras terras; outras estações postais.

Um envelope, um selo, Paço-de-Sousa por fora, uma nota de cem por dentro—e mandar. Ora eis.

Quanto a vales do Correlo, em pagamento de O GAIATO, já vão as coisas um pouquinho melhor, sim senhor; é CETE e Cete basta. Paço-de-Sousa não paga nem recebe vales. E' necessário que todos, por todas as maneiras, auxiliemos a obra.

TENHO sido ultimamente solicitado para dar normas de orientação em matéria de assistência social, quer por escrito, quer de viva voz. Gosta-se tanto de obras d^este teor, que o público ateima em considerar mestres, os que a elas se devotam; daí as perguntas. São títulos que nos atribuem, pedestais que nos levantam, não que a gente os tome ou acredite. Por isso mesmo, jámais será um santo caído do altar todo aquele que não pretende subir. E neste espírito, responde-se humildemente aos que nos interrogam.

Em primeiro lugar, um grupo de senhoras, consternadas pela sorte das creanças da sua terra natal, desejam saber de como hão-de fundar uma obra de protecção às

das da sorte do Pobre, resolveram alugar uma toca na rua do Quebra-Costas. Deixaram o grande conforto dos seus lares e fizeram do tugúrio o lar delas. Quando o mundo deu fé, já elas, as duas fidalgas andavam de chaile e lenço em plena actividade. Não há pobre em Coimbra que as não conheça e ame qual menina dos olhos. Eu não sou mestre, mas deixo aqui a lição de duas mestras. Ninguém lhes pergunte como elas fizeram, não o dizem,—nem sabem! Está a lição e isso basta.

De uma vez, pediram-lhes um artigo para a revista das Noelistas.

—Nós não sabemos escrever! De outra vez, foram levar-lhes o producto de uma das chamadas festas de caridade.

—Nós não podemos aceitar.

considere cada um dos seus rapazes como tal. Se algum lhe fugir, e fogem, porque os nossos também assim fazem, não lhes mostre a natural dor que isso lhe causa e espere o seu regresso. Assim aconteceu ao Pai-de-família da Parábola do Evangelho; o filho regressou—e que regresso!

Assim tratados, os seus farrapões depressa compreendem que a verdadeira liberdade consiste no poder que cada um tem de se determinar, e decidem-se a trabalhar com um nadinha de boa vontade. Primeiramente da sua parte; depois, virá a d^eles.

Ocupe-os. *Invente trabalho*, se a Casa o não tem. E' necessário que eles caiam no leito e fiquem como pedras. Olhe que sem este ponto capital, eles seriam rapazes

O R I E N T A N D O

mesmas; nomeadamente de como hão-de conseguir fundos. Querem saber se da Junta, se dos Grémios, se do Governo, se de quem: *V. como faz, padre?*

As dificuldades em casos assim, são meramente subjectivas; formam-se e surgem precisamente dentro de quem as põe. *Não sejas demasiadamente solícito do que has de comer e vestir.* Esta verdade eterna é a matéria prima; com ela se começa o trabalho.

O que verdadeiramente importa é semeiar em lágrimas e a seguir, vem a colheita.

E' assim na ordem da natureza. E' assim na ordem da graça. E' assim na ordem do amor. Não se pergunta a ninguém como se fêz; *faz-se.*

Duas fidalgas de Coimbra muito amigas e muito dadas enamora-

Queres aprender dos mestres? Não erres o número da porta. Vai às Criaditas dos Pobres, em Coimbra.

* * *

Em segundo lugar vem a carta de um neo-sacerdote, à frente de uma obra social em Bragança, *Casa de Trabalho*. Gosta-se do nome. E' um feliz despontar de coisas novas. Não cheira ao m^odo dos obliterados *Recolhimento de Desamparados*, que a gente vê nas tabuletas por esse mundo além.

Percebe-se que não há ali *recolhidos* nem *internados*. Se um dia vier a receber da Repartição de Estatística uns grandes impressos amarelos, com infinitos dizeres, a perguntar quantos *internados* tem a obra, responda que nenhum. Informe que é tudo gente livre e

duplamente abandonados, dentro da sua casa!

Aceite os que comodamente possa receber. Aceite donativos espontâneos dos interessados,—mas não peça. Não restrinja nunca as entradas, por razões de ordem económica; nunca, nunca, nunca.

Depressa cairia na mediocridade das obras sociais, anémicas, arrastadas, que vegetam em vez de viver, justamente por via do costumeado *não temos verba*.

Encontram assim a morte, naquilo mesmo de que fazem tabua de salvação!

A loucura da Cruz, foi sempre a grande confusão da prudência dos homens.

Importa ser louco segundo o mundo, meu bom Padre, se quiser abrir caminho nas pisadas do mestre,—a bem da Nação.

Está fundada na Casa de Paço-de-Sousa, a conferência dos pequeninos visitantes de Pobres.

O Alfredo do Porto foi nomeado presidente a quem se deu o José Eduardo por secretário e o Carlos Alberto por tesoureiro.

A nomeação dos três foi um acto público, com inteira acquiescência. Logo no dia seguinte, alguns d^eles entregaram ao presidente para os Pobres, as suas pequeninas migalhas, tendo sido o Manuel Durães o primeiro a inscrever-se na ala dos namorados, com cinco tostões.

Os três responsáveis dirão aqui por palavras suas, de como visitam, quanto visitam, e as necessidades mais urgentes dos visitados.

Se algum leitor quiser fazer-se subscritor da nossa conferência, tenha a bondade de se dirigir directamente ao secretário: — José Eduardo, Casa do Gaiato, Paço-de-Sousa. Se alguém quiser oferecer esmolas avulsas deve endereçar ao Carlos Alberto. De maneira nenhuma se devem corresponder com o P.^o Américo. São contas do rosário DÉLES.

ACTA N.º 1

Temos 3 pobres um no lugar de S. Lourenço outro no lugar de Bairros e outro no lugar do Assento. O pobre de S. Lourenço é o mais necessitado de todos os pobres, precisa de uma cama completa, cama, colchão, roupas de

cama. Desde que o tenho ido visitar vejo-o sempre com a mesma roupa que tem de vestir. Também precisa de legumes para comer e somos nós que os levamos dos nossos que temos para comer. O pobre de Bairros não precisa de nada é só de comer. O do Assento precisa de um colchão e roupa de cama e também de comer. Este está muito doente ha já meio ano. Vive numa barraca de tabuas. Ainda só temos a quantia de 1\$70 que os gaiatos deram. Agora se os amigos e benfeitores de O

mais altas, sem menosprezo por aquelas. Queremos que eles sejam aferidos pelo dom excelente da Caridade. Esta sim, que é a medida das medidas e supera abundantemente a nossa deficiência de laboratórios. Ele há um tal germen de vida na Caridade, que transforma toda a rebeldia desta fauna que nos vem bater à porta, sem magoar nem destruir a personalidade de cada um. Inspira-lhes sentimentos de bondade. Educa.

Passavam na cozinha os três

Caridade

Gaiato podessem dar alguma coisa para ajudar a sustentar estes pobres que não tem nada a bem dizer.

José Eduardo,

Secretário.

—Olha lá; dai o melhor aos nossos pobres!

Pois que o apelo dos nossos Vicentinos encontre eco nos vossos corações.

Que os Grémios de Mercarias nos deem algo das suas reservas. Que todos os nossos leitores se firam até fazer sangue, nesta coluna de Amor. Todos os donativos devem ser dirigidos directamente ao Presidente da Conferência.

Meus senhores: eu respeito muito e acredito na ciência. Já tenho visto a variedade de instrumentos que hoje funcionam nos gabinetes das casas piás, para aferir, conhecer, destrinçar qualidades deste mundo de Perdidos. Já tenho. Nós, porém aspiramos a coisas

Do que nós necessitamos

Os Ladrões tem espoliado as Casas do Gaiato, como fizeram outrora os da estrada de Jericó, ao honesto feirante que seguia seu caminho. Assim é que os de Miranda do Corvo, assaltaram no próprio batal de nossas batatas. Os de Paço-de-Sousa, roubaram de uma vez todas as nossas galinhas e já vieram por mais, mas foram notados e repellidos. Outros, fizeram mais e melhor: desenterraram o tubo que alimenta a nossa aldeia, furaram-no e deram a água para campos que eles cultivam! Estes actos, maus em si e maus para os ladrões, tem redundado num grande Bem para nós e para o mundo; levantam a compaixão dos misericordiosos. Não falta quem pretenda curar as feridas que os ladrões nos fazem. Ha quem deseje chorar as nossas dores, quem procure reparar nossos males, quem reponha as coisas roubadas. As nossas despesas estão cheias de batatas, as capoeiras providas de galinhas; os nossos campos a espelhar de verdura, as esmolas são torrentes do Nilo. Mal vai aos ladrões de Miranda e os ditos de Paço-de-Sousa se eles não fogem envergonhados e arrependidos do mal que nos querem fazer.

Mais um visitante com uma pancadaria de litros de azeite. Oh riqueza da nossa despensa! Os nossos potes andavam tristes por verem que tudo aqui trabalha, menos eles, inúteis e abandonados. Agora não. Mais mil escudos no Banco. Mais cem ditos por carta. Mais 25\$00 no Depósito. Mais um pacote de botões idem. Mais no raid a Vidago, duas falas bonitas em todos os hotéis e com elas, por elas, dois contos e quê no Golf; cinco contos e quê no Palace; um conto e quê no Avenida e outro tanto no Grande. Mais, nos mesmos hcteis, um cartão a dizer que vá eu buscar uma peça de flanela à rua de tal e uma de ris-

Atenção

Peço aos verdadeiros amigos da Casa do Gaiato, que de maneira nenhuma aconselhem pequenos vadios a virem dar à nossa porta; nem tão pouco deliberem mandar por sua conta, a menos que previamente hajam obtido lugar. E' que nos colocam aqui em casa em verdadeiros embaraços perante a comunidade.

Um caso: A semana passada, apareceram três, vindos não sei de onde mandados não sei por quem.

Um deles chegou na minha ausência. O porteiro, que se chama Tiro-liro, anuncia à regente. Esta chama um dos mais crescidos e pede que vá dizer ao farrapão que não pode ficar.

—Eu não faço isso minha senhora? A regente experimenta outro e obtém igual resposta, e um terceiro que obedece, fá-lo a chorar! Ora isto é uma greve temível. Greve que ninguém susta nem pence, por ser do Bem. Se nós não podemos remediar tudo, melhor é fazer bem feito o pequenino Bem que se pode realizar, e evitar estas greves, para não magoar os grevistas do amor!

Da mesma sorte falo das cartas que continuamente dirigem às nossas casas a pedir refugio. Aquella ou aquela que dá ao seu caso a categoria de non plus ultra, nem sequer imagina que no mesmo dia, pelo mesmo correio, recebemos meia dúzia de histórias, todas plus ultra! Não esperem resposta a tais cartas. Se ele é aerdade que custa muito receber um não, também custa dá-lo.

cado à rua de qual. Sim, meus senhores. Se eu não fôr, mando. Com o cartãozinho fico mais garantido. Mais vale um passaro na mão... Mais no depósito um pacote de roupas, mais idem uma carta com boas noticias, e mais um pacote de roupas e mais um outro. Mais a noticia de que já chegou o desejado Rádio ao 54 dos Clérigos. Mais um saltinho ao Hotel da Torre, que fica a meia hora da nossa Aldeia.

Enquanto deslisava por entre os choupos do arvoredo o carro que me levou, ia um bocadinho indeciso àcerca do êxito:—santos da porta...

Uma vez na sala das conferências, cresce o receio; quasi ninguém! Peço a palavra. Relato o caso do Manuel Durães, o simpático garoto que se recusava a despedir o caminhante da sua laia, que nos veio bater à porta, como se lê em Notícias Diversas. Falo da greve do Bem; dos grevistas do Amor. Levanto a exuberância espiritual destes estrangeiros. As lágrimas assomam. O monte de notas aumenta.

Venda do Jornal

O dia foi uma comemoração do dilúvio, tal a chuva que caiu, mas os gaiatos marcharam.

O Augusto vendeu 70 jornais, trouxe duas assinaturas, uma esmola de 20\$00 e deu cinco senhas de sôpa a outros tantos da sua antiga laia. Sim. Os nossos pequeninos vendedores, partem munidos de senhas de refeição da Legião, e distribuem; melhor do que nós, sabem eles a quem. Não há no mundo quem seja bom, sem fazer exercícios de bondade; nem há praticas melhores do que as que se praticam em favor do nosso semelhante.

O Oscar vendeu cem jornais e deu uma senha.

O João vendeu outros tantos jornais e deu cinco refeições. Recebeu um boina do Zé-Ninguém e trouxe do mesmo um pacote de doces para os nossos castigos.

O Júlio vendeu 140 jornais, trouxe uma esmola de 20\$00, deu duas refeições e informou que um senhor amigo lhe vai comprar umas bôtas.

O Luciano vendeu 35 jornais, deu duas refeições e chegou ensofado em água.

O Amadeu vendeu 85 Gaiatos e distribuiu cinco refeições.

Finalmente o Pôrto, vendeu 30 jornais e deu outras tantas refeições.

Os dois vendedores despachados para a vila de Paredes, venderam tudo e trouxeram assinantes.

Os que se despacharam para S. Vicente e Torre, fizeram da mesma sorte.

Um senhor vai contar: quatro contos menos quê.

—Tome lá isto e faça a conta certa.

—Tome lá isto e faça cinco contos!

—Olhe este resto, que é tudo quanto tenho!!

Retirei muito alegre e deixei muita alegria no peito de toda a gente.

Mais do Instituto de Peixe uma caixa de conservas do dito.

Senhores Conserveiros da praça a quem já se mandou recado; se ele é verdade que o mar vos dá tanta riqueza, de onde vem a demora em atender e repartir?! Mais 20\$00 de um visitante, mais 100\$00 de visitantes, mais 50\$ de Matozinhos por intermédio do P. Grilo.

Mais uma nota de 500\$ de um visitante e uma de 20\$ de um outro. Mais umas peugas para o Chico de Abrantes e um pau de chocolate para o mesmo, prenda de anos. Mais um mande lá buscar maçãs, recado de uma quinta de Cête. Foram e trouxeram; são as nossas merendas. Mais pano para uma camisa, prenda de anos. Mais um pacote de roupas. Mais esta carta:

Tinha junto algum dinheiro para ir passar uns dias a uma praia com a minha noiva; nunca tive tanto dinheiro nas mãos e tanto era demais.

São três dias que passo a menos junto da minha noiva, mas é que ponho a render esse tempo assim sacrificado a um juro muito alto. E' que ainda me lembro do et centum pro uno accipietis. Se, o latim me saiu errado, o sr. Padre Américo me perdoe só tenho pena de não poder dar mais.

Um soldado.

Sim senhor; um soldado da ala dos namorados. Feliz noiva!

O José Francisco

vai contar a sua história

Eu em Lisboa andava atrás dos carros-eléctricos e das camionetes.

Uma vez fui preso por um policia que me levou para o Albergue da Mitra.

Eu lá não podia brincar à vontade e não trabalhavamos nada; estava lá um senhor que era o capataz.

O meu irmão que se chama Herlander arranhou-me para ir para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, onde estava já o meu irmão que se chama Carlos Alberto.

Agora estou na Casa do Gaiato mais o meu irmão; outro está na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo e outro é o Maioral do lar de Coimbra, foi ele que me arranhou para vir para a Casa do Gaiato.

Terminei a minha história. Agradeço a todos os bemfeitores da Casa do Gaiato; e peço a Deus que ajudem

O Filipe do Seixal

O Filipe vinha de calção branco, camisola às riscas, cabeça ao léu e mala aviada. Trazia um letreiro-escapulário, a pedir que o guiassem para a Casa do Gaiato. Dentro do seio, um sobresalente, à cautela. Trazia o texto de um telegrama e vinte e cinco tostões para o seu custo, o qual telegrama foi expedido imediatamente. Trazia outra moeda de prata, a qual num instante lhe desapareceu da algibeira, para assim não ser somente eu a queixar-me dos ladrões! E trazia uma linda história da barraca onde morava, ao deus dar.

Vem perfeitamente crú, este pequenino selvagem; nem escola, nem igreja, nem costumes, que esta é a vida do pardieiro. O Augusto recebeu a missão de lhe ensinar o abc do catecismo, até ao tempo escolar.



O Filipe chega do Seixal e troca impressões com o Tiro-liro.

O semblante alegre do Tiro-liro é por saber que o peregrino fica. Quando outros tem de regressar, ele anda triste uma semana inteira. Ele é um ser estranho, impenetrável, cheio de opinião. E' muito amigo dos pobres. Se algum bate à porta, Tiro-liro vai à cozinha e ali amarra, até que lhe deem de comer: anda Carlos, que está lá um pobre. Se é um pequenino da sua laia, redobra de fervor. Ele dormiu ao relento anos de vida. Pelo bem que ora disfruta, mede a desgraça dos companheiros!

esta Casa bemdita para os rapazes da rua. Se não viesse para aqui tinha já feito muitas coisas, nas ruas de Lisboa, assim já não as faço e estou cá muito bem nesta Casa, que é fonte de trabalho, de vida, saúde e de alegria. Bem hajam pois, todos os bemfeitores da Casa do Gaiato.

«VIVA A CASA DO GAIATO»
«VIVA»

Este catraio veio sosinho de Lisboa, sem medo. Vem-nos contar a sua história que, por muito resumida, nem por isso deixa de ser imensa;—abandonado nas ruas, abandonado na Mitra Estava lá um capataz! Ai tristes páginas que escrevem estas creanças na história de Portugal—um capataz a educar!

Este catraio veio sosinho de Lisboa, sem medo. Vem-nos contar a sua história que, por muito resumida, nem por isso deixa de ser imensa;—abandonado nas ruas, abandonado na Mitra Estava lá um capataz! Ai tristes páginas que escrevem estas creanças na história de Portugal—um capataz a educar!

Este catraio veio sosinho de Lisboa, sem medo. Vem-nos contar a sua história que, por muito resumida, nem por isso deixa de ser imensa;—abandonado nas ruas, abandonado na Mitra Estava lá um capataz! Ai tristes páginas que escrevem estas creanças na história de Portugal—um capataz a educar!

Este catraio veio sosinho de Lisboa, sem medo. Vem-nos contar a sua história que, por muito resumida, nem por isso deixa de ser imensa;—abandonado nas ruas, abandonado na Mitra Estava lá um capataz! Ai tristes páginas que escrevem estas creanças na história de Portugal—um capataz a educar!

Este catraio veio sosinho de Lisboa, sem medo. Vem-nos contar a sua história que, por muito resumida, nem por isso deixa de ser imensa;—abandonado nas ruas, abandonado na Mitra Estava lá um capataz! Ai tristes páginas que escrevem estas creanças na história de Portugal—um capataz a educar!

Este catraio veio sosinho de Lisboa, sem medo. Vem-nos contar a sua história que, por muito resumida, nem por isso deixa de ser imensa;—abandonado nas ruas, abandonado na Mitra Estava lá um capataz! Ai tristes páginas que escrevem estas creanças na história de Portugal—um capataz a educar!

REDAC

Casa

PA C

U

T

mas

As hi

têm

mulhe

se er

por is

a out

de un

recen

A

ções

miser

Se a

é far

nunca

sionis

um in

Era

as du

vam

safam

nhar

Cha

meiro

nante

feito

sabiam

monst

Não

pecad

filhos,

que

pecad

De

quize

lher

tério,

O Me

redor

ali o

sabe

própri

isso n

calha

—N

—N

A

-nos

mas

que c